

Templos do progresso; instituições de leitura no Brasil oitocentista.

Cláudio DeNipoti

Professor do curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP,
Doutor em História das idéias pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

Resumo

Este trabalho busca as vinculações entre a criação de instituições destinadas à leitura no Brasil, durante o século XIX, e a ideologia do progresso, como norteadora dessas criações. A inspiração civilizadora que permeava a criação e manutenção de tais instituições é compreendida em seus aspectos relacionados à idéia de progresso e às imagens de um Ocidente civilizado opondo-se à barbárie do analfabetismo. Bibliotecas, órgãos de imprensa e escolas eram criadas como símbolo e instrumento de progresso, em um processo civilizacional orientado por modelos europeus, que se auto-alimentava: criar locais de leitura era ao mesmo tempo um instrumento de acesso ao progresso e um símbolo da chegada deste.

Templos do progresso; instituições de leitura no Brasil oitocentista.

Cláudio DeNipoti

Professor do curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP,
Doutor em História das idéias pela UFPR

Durante todo o século XIX, o tema do progresso orientou ações e pensamentos de amplas parcelas da população ocidental. Embora as raízes dessa idéia sejam mais antigas, o XIX viu toda sua força e atuação. Neste texto, vamos tentar compreender essa força e essa atuação em um campo específico: o da instituição de locais de leitura como símbolos, frutos e ferramentas do progresso. Para este fim, serão analisados os estatutos, catálogos e regimentos de bibliotecas brasileiras do século XIX, quando de sua criação, e editoriais e artigos de primeiros números de jornais e revistas (particularmente paranaenses). No Brasil do período focado, as bibliotecas assumiram um caráter de responsabilidade civilizatória, comparáveis à aura onisciente da biblioteca perdida de Alexandria. A idéia da biblioteca coexiste com o ideal de reunir-se todo o conhecimento em um único espaço, acessível e, principalmente, organizado, dando-se nesse processo, a própria organização da sociedade.¹

No processo de organização das bibliotecas, agregam-se idéias que expressam formas de organização da própria sociedade, reais ou projetadas. A transcrição disso na forma jurídica de estatutos ou regulamentos permite um acesso a esses projetos de sociedade.² A proposta aqui é pensar a criação de bibliotecas, jornais, escolas, etc., como “ritos de instituição”, definidos por Bourdieu como a naturalização de matrizes civilizatórias arbitrárias.³ Para começarmos, vejamos a seguinte transcrição, de 1854:

[...] a imprensa, tomando a iniciativa do bem, discute as questões de mór interesse para a sociedade, orienta e dirige a opinião na *senda do progresso* e dos melhoramentos, e serve de phanal ao poder.⁴

“Senda do Progresso” como missão da imprensa é uma dentre muitas formas de compreender e representar esse conceito fundamental para o pensamento e a vida social do século XIX. Longe de ser uma expressão isolada por parte do jornalista paranaense, autor do texto da epígrafe, a concepção de progresso pode ser pensada como a articuladora do pensamento do século XIX em suas diversas vertentes.

Preconizada no início do século XIX por Saint-Simon, a idéia de uma sociedade em contínuo progresso, alternando épocas “orgânicas” e “críticas”, foi amplamente aceita e adotada – com freqüência de forma tácita e com variantes sutis entre seus adeptos - por todas as escolas de

¹ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros; autores, leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1998.

² Sobre esta questão ver o estudo de Eduardo Spiller Pena sobre o Instituto dos Advogados do Brasil – IAB. PENA, Eduardo Spiller. *Pagens da casa imperial; juriconsultos, escravidão e a lei de 1871*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

³ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas; o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.

⁴ *O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 1/4/1854, appud MARTINS, Romário. Catálogo dos jornais publicados no Paraná de 1854 a 1907. Curitiba : Imprensa Paranaense, 1908, p.9, sem grifo no original.

pensamento posteriores à Revolução Francesa.⁵ Em sua essência, a idéia de progresso estava ligada à noção de que a Europa, ou alguns países europeus (concebidos como “nações”), seriam os modelos acabados de progresso – em particular, técnico. A partir desse esquema modelar, era possível pensar que o progresso técnico conduziria ao progresso social, e as nações européias guiarão o mundo nesse processo.

De uma forma geral, o modelo orientado pela crença no progresso material como força avassaladora de redenção a se abater sobre a humanidade, a partir de um núcleo modelar europeu, embasou a obra de autores como John Stuart-Mill, Beatrice Webb e, principalmente, Auguste Comte. Esses pensadores, entre diversos outros, que tinham como pressuposto básico “trazer o conhecimento para fora das névoas do hegelianismo e do romantismo, e mantê-lo dentro dos limites observáveis”,⁶ seriam as principais influências de uma visão de mundo fundada na noção de progresso. Se o pensamento romântico (declaradamente oposto ao racionalismo iluminista) do qual Michelet é exemplo, apresentava essa concepção, o pensamento neo-iluminista (entendido como uma releitura otimista e industrializada do iluminismo) transformou a fé no progresso técnico em fé inabalável na ciência. Ao pensar uma realidade em “contínuo desenvolvimento”, e ao cultivar a ciência como a força motriz desse processo, pensadores europeus extrapolaram essa idéia para todas as áreas de atuação humana, incluindo a arte e a educação.⁷

Essa idéia fica ainda mais patente no pensamento evolucionista, no qual se confundem progresso e evolução como mudança para melhores estágios de vida biológica e/ou social. “Acreditava-se que a história evoluía em direção a um paraíso terreno, onde os homens seriam felizes e bem integrados, pelo menos na parte ocidental do Globo”. Integram esse campo pensadores tão distintos entre si como Renan e Marx, que partilhavam a crença em uma marcha inexorável em direção ao progresso. As divergências se davam quanto à inevitabilidade ou à probabilidade desse destino.⁸ De fato, havia entre os pensadores europeus em geral – e seus seguidores mundo afora – a visão de que, uma vez atingidos os níveis de civilização e progresso da Europa no período, não haveria a possibilidade de retrocessos à estágios anteriores, fossem eles pensados em termos de primitivismo ou de barbárie. O progresso técnico, acompanhado do progresso econômico, trariam, finalmente, o progresso social. Para que estes objetivos fossem alcançados era necessário difundir pelo mundo as idéias e modelos de pensamento europeus.

Contudo, a idéia de progresso ficou longe de ser apenas um conjunto de construções intelectuais, tendo ampla difusão social. Segundo Hobsbawm, a linearidade do progresso era evidente para os europeus do século XIX:

em termo materiais, em termos de conhecimento e de capacidade de transformar a natureza, parecia tão patente que a mudança significava avanço, que a história – de todo modo a história moderna – parecia sinônimo de

⁵ BAUMER, *O pensamento europeu moderno*; séculos XIX e XX Lisboa: Edições 70, s./d., p. 13.

⁶ BAUMER, ... p. 65.

⁷ BAUMER, ... p. 60; 62-72.

⁸ BAUMER, ... p. 92.

progresso. O progresso era medido pela curva sempre ascendente de tudo o que pudesse ser medido, ou que os homens escolhessem medir. O aperfeiçoamento contínuo, mesmo das coisas que obviamente precisavam ser aperfeiçoadas, era garantido pela experiência histórica. Parecia difícil acreditar que, há pouco mais de três séculos, europeus inteligentes tivessem considerado a agricultura, as técnicas militares e até a medicina da Roma antiga como modelo para suas próprias [...] ⁹

A noção de marcha inelutável em direção ao estágio civilizacional, (ou seja, o estágio atingido pela Europa naquele momento) encheu de otimismo as populações de outras partes do mundo – em especial aquelas de origem europeia, nas colônias ou ex-colônias na América, África e Ásia – pois fornecia-lhes o arcabouço teórico para a superação de seu passado colonial, ¹⁰ igualando-os, em um futuro qualquer, às nações que os inspiravam. Ainda que, fora da Europa, o progresso pudesse ser considerado por alguns como “um perigo e um desafio estrangeiros”, minorias cidadinas e governantes “que se beneficiavam com os valores adventícios e irreligiosos” souberam adotar os princípios e a retórica do progresso. “O mundo estava, portanto, dividido numa parte menor, onde o ‘progresso’ nascera, e outra, muito maior, onde chegara como conquistador estrangeiro, ajudado por minoria de colaboradores locais”. ¹¹

Essa fé só seria abertamente criticada pelo pensamento do final do século XIX, e pelo pensamento *fin-de-siècle* por pensadores como Benedetto Croce, Bergson, Nietzsche e Georges Sorel. Este último, em *As ilusões do progresso*, de 1908, denuncia o progresso tanto como dogma, quanto como ilusão burgueses, “contendo uma visão completamente errada do processo histórico”. ¹²

De fato, em termos teóricos, é a ascensão dos totalitarismos de direita que vão propocionar as reflexões mais agudas de crítica à idéia do progresso. Walter Benjamin deixa bastante evidente, em suas “teses”, que essa ideologia impediu uma noção socialmente compartilhada de perigo quanto à ascensão do nazismo na Alemanha. ¹³ Junto com as idéias de Benjamin, o conteúdo do pensamento da escola de Frankfurt pode ser considerado como desconstrutor da idéia do progresso redentor. ¹⁴ Walter Benjamin vê no progresso a força desagregadora da sociedade à época da ascensão do nazismo. ¹⁵ Os resultados da Segunda Guerra Mundial foram a provável pá de cal nesse conjunto de idéias relativas ao progresso.

No Brasil – como em várias outras ex-colônias europeias - a visão de progresso se afirmou como processo necessário à emancipação com relação a um passado colonial (e, neste caso, escravista). As disputas em torno do ideal republicano, por ocasião da proclamação da República, por exemplo, ajudam a ilustrar isso. Nos embates em torno do modelo a ser adotado pela república neo-nata, o pensamento positivista, com seu destaque sobre o progresso como arma de condenação da monarquia e de separação

⁹ HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988, p. 46-47.

¹⁰ Para o caso brasileiro, a imagem do Brasil no exterior torna-se fundamental na definição de identidade nacional, ver SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui; o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

¹¹ HOBBSAWM... p. 52

¹² BAUMER, p. 129-164.

¹³ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In *Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-234.

¹⁴ ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo : Ática, 1991.

entre Estado e Igreja, venceria outras tendências republicanas em alguns aspectos fundamentais da disseminação do ideal republicano. A propaganda positivista em nome da ditadura militar como única forma de garantir o progresso ilimitado encontrou eco na história local: “Progresso e ditadura, o progresso pela ditadura, pela ação do Estado, eis ai um ideal de despotismo ilustrado que tinha longas raízes na tradição luso-brasileira desde os tempos pombalinos do século XVIII”.¹⁶

Durante as reviravoltas políticas brasileiras do final do XIX, o imaginário do progresso permaneceu pautando ações, principalmente da embrionária camada “média” da população (funcionários e estudantes), para quem os modelos de sociedade da elite serviam como exemplo.¹⁷ O progresso, neste caso, foi interpretado não somente como da nação ou da civilização, mas individual, na acepção do evolucionismo social, servindo para justificar a competição pela ascensão sócio-econômica.

Um exemplo disso é a criação de Institutos Históricos, Museus e faculdades de direito durante este período. Essas instituições, estudadas por Lilia Schwarcz, pautaram-se por uma visão evolucionista que:

[...] inspira a instauração e manutenção dos Institutos Históricos e Geográficos, os museus e as faculdades de direito do século XIX, em um país marcado pelo desejo pelo progresso e pelo debate em torno da idéia de raça. Através dessas instituições e dos debates que elas geraram, pensava-se que seria possível superar a barbárie e atingir a civilização.¹⁸

Entrando no universo específico da leitura, podemos encontrar fortes ecos das construções que almejam o progresso como razão de ser das instituições dedicadas à educação e/ou à “civilização”, em seu movimento circular nada escamoteado (o progresso exige a existência dessas instituições e sua existência fomenta o progresso). Assim, bibliotecas, imprensa, livros e escolas aparecem como espaços de realização futura da utopia do progresso, ao mesmo tempo que são os instrumentos de construção do caminho civilizacional que se imaginava para a nação – sempre em conformidade com os modelos europeus vigentes.

Se acompanharmos brevemente a criação de algumas bibliotecas brasileiras, poderemos ver esse processo. As bibliotecas brasileiras, que no início do XIX têm ainda as características de instituições aristocráticas, destinadas à demonstração barroca de grandeza material,¹⁹ em fins do século são pensadas como destinadas não somente à aristocracia, pois isso seria “contrário aos reclamos da civilização actual e antinômico [sic] com os intuitos geraes de nossa forma de existência social [...] e precisamente porque incumbe por effeito da lei dos tempos e da política serem [as bibliotecas] as distribuidoras do pão azymo

¹⁵ BENJAMIN, ... p. 227

¹⁶ CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*; o imaginário da república no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 27.

¹⁷ OWENSBY, Brian P. *Intimate ironies*; modernity and the making of middle-class lives in Brazil. Stanford: Stanford University Press, 1999.

¹⁸ SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças*; cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 177.

¹⁹ A Real Bibliotheca, criada em 1821, era a “alfaia preciosa da coroa de Portugal”, cuja existência podia honrar - e honrava – o Estado. ESTATUTOS DA REAL BIBLIOTHECA, mandados ordenar por Sua Magestade. Rio de Janeiro: Na Regia Typographia, 1821. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/index.htm>, consultado em 01/10/2001.

do ensino”.²⁰ De forma semelhante, o grande mérito da biblioteca do Exército, em 1885, era que “significava um verdadeiro progresso, não só por estar franqueada á officialidade, como á simples soldados e até á paisanos”.²¹ Nota-se que a difusão do conhecimento contido nas bibliotecas – que, por si próprias poderiam difundir os ideais de progresso que inspiraram a criação das mesmas – é instrumento de propagação (e aferição) do progresso.

Passando de signo de poder pessoal e grandeza aristocrática a instrumento de elevação de toda a sociedade à civilização, as bibliotecas passaram a ser vistas – e criadas – como símbolos do progresso ao mesmo tempo que funcionavam como instrumentos para a obtenção desse objetivo.

Circunscrevendo o campo da análise sobre o progresso a um espaço mais restrito (e um tempo mais dilatado, entendendo-o como continuidade – o estado do Paraná das últimas décadas do século XIX e das primeiras décadas do XX) podemos tentar verificar os ecos da ideologia do progresso em uma ramificação periférica – ainda que imbuída do mesmo conjunto geral de valores. Como nas bibliotecas acima mencionadas, aquelas do Paraná também funcionariam como “agentes” do progresso. Como modelo, a imagem da biblioteca como “fonte de luz” é sintomática:

[...] há Estados onde os livros, esses bons, leaes e instructivos amigos do homem, merecem alguma atenção e, destinados a ensinar as massas, são localizados em amplas e magnificas estantes distribuidas por aposentos arejados e cuidadas por pessoal apto, constituindo isso a que um povo honrosamente denomina de Bibliotheca Publica.²²

Também nesse caso particular, podemos ver o “pathos” civilizador em jogo – ainda que expresso mais como desejo que como descrição da realidade. De fato, existindo desde meados do XIX, a Biblioteca Pública do Paraná incitava mais críticas que elogios, e teve uma importância relativa como símbolo civilizador até meados do século XX.²³

Com relação à imprensa, notamos que a atribuição de valores civilizacionais ao mundo da leitura passava – necessariamente – por sua instituição (em particular, a imprensa periódica e jornalística), pois ela era “interprete legitima do sentimento humano e cooperadora inevitável em todas as grandes obras da actualidade [pela qual] se diffundem os altos ensinamentos, os nobres ideais se universalizam e se fazem conhecidas as instituições”.²⁴

Pensada como tal, ela é também era “a santa, immensa locomotiva do progresso... que leva a humanidade para a terra de canaan, a terra futura, onde não teremos em torno de nos senão irmãos e por

²⁰ CATALAGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL. PUBLICAÇÃO OFFICIAL. TYP. CENTRAL DE BROWN E EVARISTO. RUA NOVA DO OUVIDOR, 1878. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/index.htm>, consultado em 01/10/2001.

²¹ CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO PRECEDIDO DE SEU REGULAMENTO E LEIS.... 1885. Apud. *Projeto memória da leitura*. www.unicamp.br/iel/memória/Acervo/bibexercito1885.htm, consultado em 01/10/2001.

²² Bibliotheca Publica. *O Paraná IV(47)*. Curitiba, 24/abr./1911, p. 1.

²³ DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer; a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 23-50.

²⁴ No A Dito. *União e trabalho I* (1), Curitiba, jul./1919, p. 1.

cima o céu.”²⁵ As comparações com as conquistas do progresso técnico, feitas por analogias industriais, davam o tom do desejo por essas mesmas instituições. “Disse-se que os caminhos de ferro e o vapor suprimiam as distâncias, pois pode-se dizer que a imprensa suprimiu o tempo”.²⁶ As características evolucionistas e edênicas do progresso eram enfatizadas nesses textos, reiterando a necessidade da criação e manutenção de instituições consideradas como agentes de progresso. É nesse esforço que podemos incluir os objetivos de diversos jornais que se pretendiam agentes do progresso. Por exemplo, *A Imprensa Livre*, que se proclamava “órgão sincero das idéias defendidas pelo partido do progresso”, em 1867, propugnava por:

Louvar os esforços do poder que encaminha a situação para a justiça e o progresso, estigmatizando-o, sem o menor receio, quando apartado desse caminho para seguir cegamente os impulsos das paixões partidárias.²⁷

Em 1873, a *Iris Paranaense* fazia eco a essas idéias, afirmando que era preciso “marchar, caminhar sempre para novos horizontes” em um esforço conjunto em que cada indivíduo deveria “carregar sempre sua pedra para o edifício do futuro” construído através da imprensa e da educação.²⁸ A ligação entre as instituições de progresso – escolas, biblioteca e jornais – era pensada como causa e consequência do progresso, e era naturalizada a partir dessas mesmas instituições:

Um dos característicos mais relevantes do povo no século XIX é o amor da instrução. Em todas as camadas sociais se pronuncia, mais ou menos ardentemente, o gosto da leitura. É a imprensa, ao jornal especialmente, o clangoroso e incessante porta-voz da civilização, que se deve essa boa tendência da educação popular. Penetrando com passo igual a choupana do pobre e o palácio do rico (para nos servirmos da conhecida frase de Horácio) sae o jornal, entre o annuncio mercantil e o telegramma político, introduzindo no espirito do leitor já uma observação scientifica, já uma só idèa litteraria; hoje um pensamento philosophico, amanhã um bom sentimento religioso, ora um rasgo de história, ora uma experiencia pratica nas artes e officios; noções emfim, respigadas em toda a vasta e fecunda messe dos conhecimentos humanos.²⁹

Outro rito de instituição que pode ampliar a percepção do valor atribuído à idéia de progresso é a definição de identidades culturais promovida pela filiação a uma concepção canônica de literatura (e, portanto, de leitura). A delimitação de padrões literários – geralmente criados em detrimento de outros padrões considerados antigos ou superados - que são adotados por uma ampla parcela da população (neste caso, uma ampla parcela da elite intelectual) também é entendida como sinal exterior e força motriz do progresso.

Esta perspectiva foi acentuada em uma época em que houve a consciência, por parte da elite cultural paranaense, de que o estado do Paraná destacava-se por suas qualidades intelectuais. Face ao impulso literário do simbolismo, com seus expoentes Emílio de Menezes e Emiliano Pernetta, e ao

²⁵ “Victor Hugo”. *A imprensa. O Sapo II*(11). Curitiba, 12/mar./1899.

²⁶ “Lamartine”. *A imprensa. O Sapo II*(21). Curitiba, 21/maio/1899.

²⁷ *A Imprensa Livre I*. Curitiba, 6/jun./1867. appud MARTINS, Romario. Catálogo..., p. 15.

²⁸ *Iris Paranaense I*. Curitiba, 19/out./1873, appud MARTINS, Romario. Catálogo..., p. 16.

²⁹ *Revista do Paraná I*. Curitiba, 15/jan./1881. appud MARTINS, Romario. Catálogo..., p. 18

dinamismo econômico gerado pela produção e comércio de erva mate,³⁰ considerava-se que “effectivamente, o Paraná há de vencer pela idéia. Que o diga essa geração estudiosa que surge”.³¹ Tinha-se a imagem de um estágio avançado de desenvolvimento artístico/intelectual, que acompanhava “[...] de muito próximo, o rumo que vae se seguindo, entre fúlgidos clarões, o pensamento moderno”.³² Embora esta fosse, freqüentemente, uma auto-imagem, ela recebia corroborações externas como a do jornal *O Commercio*, de Bagé, reproduzida pela imprensa curitibana:

Enquanto nos outros estados apenas contadas pessoas conhecem as novas fórmulas artísticas recém inventadas na Europa, já no Paraná praticam-se, num afan de progresso, que muito diz em prol dos intelectuais daquela terra.³³

Deriva-se daí a associação entre processos de leitura e a visão de progresso. No universo pesquisado, emergem diversas associações. O progresso, ou a modernidade literária, que resultam na produção de textos, é apenas o ponto inicial do percurso da leitura. Assim como os livros escritos no Paraná indicam, pela quantidade³⁴ e/ou qualidade, um avançado estágio de civilização – freqüentemente mais desejado do que concreto – o universo da leitura pode ser visto integralmente como composto por forças de civilização e progresso. Nesse sentido, ao advogar a criação de clubes de leitura como solução definitiva para os problemas sociais, o autor anônimo da *A Galeria Illustrada* previa, em 1889, a ação redentora dessas forças:

Instalem-se associações litterarias e recreativas, proprias para deleitar e instruir os homens, e vereis transformados em prestigiosos cidadãos aqueles que so viviam para o mal.³⁵

A forma mais segura de acesso ao progresso era a aquisição de conhecimentos civilizatórios pela leitura. A educação formal, (entendida, no passado, como instrução) e a educação como parte do processo civilizatório eram pensadas de forma complementar:

A instrução resolve um dos mais espinhosos problemas sociaes; nada faria porem, sem o concurso directo e accentuado da educação. Uma prepara o terreno em que a outra lança as sementes. A instrução é a base do progresso, a educação é a essência.³⁶

Se pensarmos, na alfabetização como outro processo civilizacional (e como rito de instituição, no conceito de Bourdieu), a própria civilização depende dos procedimentos relacionados à leitura e seu aprendizado. Assim, não saber ler significava não poder ver “palpitar o espirito do genio [...] atravez dos caracteres da escripta [...] [gozar] dos prazeres da intelligencia e [...] as horas são lentas pesadas e

³⁰ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando Iras rumo ao progresso*; ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

³¹ O Paraná industrial e commercial. *A Tribuna I* (49), Curitiba, 04/dez./1913, p. 4.

³² Mark-Allan. Livros que aparecem- “episódios”, de Santa Ritta Junior. *Atheneia I* (3). Curitiba, set./1914. P. 21-22.

³³ MARTINS, Romário. Bibliografia, *Almanach do Paraná para 1904*. Curitiba: Livraria Economica, 1904, p. 268-270.

³⁴ Em termos quantitativos, há uma curva ascendente na edição de livros no Estado que supera o crescimento demográfico ou os índices de alfabetização. Para os 190 livros publicados na década de 1890, são publicados 945 na década de 1920. MOREIRA, Julio. *Dicionário Bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Official, 1957.

³⁵ Avanté. A opinião. *A galeria Illustrada I*(9). Curitiba, 30/mar./1889, p. 74.

³⁶ A educação. *União e trabalho III*(23). Curitiba. Maio/1921, p. 177-8.

monotonas, [...] os monumentos do recreio licito e de consolação benefica não existem; aqui temos nós a origem do vicio.”³⁷ Leitura associa-se a civilidade e civilização, e a alfabetização é compreendida como “diffusão dos vinte e cinco utilissimos caracteres, com alguns tragos de moralidade e civismo”.³⁸ É neste sentido que os educadores paranaenses do início do século XX reproduziam as idéias de progresso gestadas na Europa. Pensava-se que:

É a escola primária uma instituição supernamente civilizadora. Oficina do espírito infantil, é nesse recinto benedito que a intelligencia dos pequeninos seres, ainda não desabrochada para os conhecimentos, se vae desenvolvindo e inundando da luz cambiante e redemptora da instrução.³⁹

Esta visão da educação é renitente no período, e a escola, principalmente primária, era definida também como destinada a moldar o novo homem, (após 1889, esse homem de tipo novo era republicano, anti-clerical e devotado ao progresso) que demandava “pelo direito do voto, a ingerência de todos os patricios no governo da nação” e que deveria “apprender a mesma língua, os mesmos sentimentos e os mesmos ideaes”.⁴⁰ A escola seria, de acordo com esta visão, “a base senão primordial, pelo menos fonte secundária onde o povo vai haurir a longos sorvos as luzes que aclamam os espíritos de seus filhos”.⁴¹

Considerando-se que o ensino era essencialmente aquele de procedimentos de leitura,⁴² o ideal transparecia associando a leitura à redenção do progresso. Assim, “o ensino da leitura não só desenvolve a palavra falada, como a intelligencia, a moral e a sensibilidade”, desde que feito com método e critério.⁴³ Temos, portanto, que o objetivo formal da educação (neste caso, do treinamento formal e cultural no deciframento de códigos a que chamamos de leitura), era o de aprimorar a sociedade, conduzindo-a progressivamente aos padrões de civilização estabelecidos, na época, pelo desenvolvimento sócio-econômico da Europa. As luzes, os ideais, a moral, são dados *a priori* pelos autores, pois havia uma atitude consensual em torno desses temas – eles demonstravam e conduziam para o progresso.

Os locais e os meios de leitura são, no século XIX, o *locus* privilegiado para a difusão das idéias relativas ao progresso. Pela leitura, o próprio progresso se alimentava, criando a associação entre analfabetismo e “retardo” social, fundamental na definição do *outro* da civilização.

Ao “naturalizar” matrizes civilizatórias escolhidas de modo arbitrário, livro, imprensa, biblioteca, escola e, unindo todos, leitura passam a ser compreendidas em uma dinâmica dupla de símbolo do progresso/meio para obtenção do progresso. Com essa matriz duplicada, satisfazia-se o desejo civilizador

³⁷ DIAS, Pe. Guilherme. O livro. *O Sapo II* (13), Curitiba, 21/mar./1899, p. 4.

³⁸ MOURA BRASIL, Deusdedit. A criminalidade e o alphabetismo. *Revista Acadêmica I*(8), Novembro de 1917, s./p.

³⁹ SOUZA, Lourenço de. A missão da escola. *A Escola I* (1), Curitiba, fev./1906, p.2-5.

⁴⁰ Discurso official da sessão solene inaugural de 19 de dezembro de 1912, pronunciado pelo Dr. Manoel de Cerqueira Daltro Filho. *Relatório Geral da Universidade do Paraná*. Curitiba. Typographia Alfredo Hoffman, 1913, p. 75-82.

⁴¹ PARANÁ, Elvira Maria. A escola. *A Escola I* (1). Curitiba, fev./1906, p. 9.

⁴² Ver, sobre este assunto: DENIPOTI, Cláudio. A magna causa da educação. *História 17-18*. São Paulo, 1998/1999, p. 71-96.

⁴³ FALCE, Joanna. Licção 2ª Leitura e escripta (resumo da sabbatina). *A Escola I* (7), Curitiba, ago./1906, p. 126-9.

da sociedade pela instauração daqueles mesmo locais e meios de leitura, ainda que sua continuidade, julgada necessária, não fosse observada de forma rigorosa.